

**Mário Lyster Franco**

**PRAIA DA ROCHA, MONCHIQUE, SAGRES**

**A TRINDADE MARAVILHOSA**

**Lisboa, 1928**



Mário Lyster Franco

Praia da Rocha,  
Monchique, Sagres,  
A Trindade Maravilhosa



MARIO LYSTER FRANCO

Advogado e Professor

PRAIA DA ROCHA

MONCHIQUE, SAGRES,

A TRINHADE MARAVILHOSA

ESTABELEÇAM. INICIAIS  
DO TURISMO NO ALGARVE

Conferência realizada em Lagos  
no dia 20 de Maio de 1928  
no ciclo promovido pelo "Diá-  
rio de Notícias"

EDIÇÃO

DA

IMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADE

Rua do Diário de Notícias, 73

LISBOA

1929

27



CÂMARA MUNICIPAL DE FARO  
BIBLIOTECA MUNICIPALN.º de Reg.º: 16027Cota. FR/061.3 FRAData de entrada: 1 1SENHOR PRESIDENTE, MINHAS SENHORAS  
E MEUS SENHORES:

Neste louvável debater dos grandes principios regionais, que é incontestavelmente a mais esperançosa alvorada de uma grande época de rejuvenescimento nacional — eu já afirmei um dia que considerava o regionalismo como sendo na hora presente a maior demonstração das virtudes patrióticas de um povo — é inegável que o *Diario de Noticias* tem occupado um lugar de brilhantissimo destaque.

E se acontece assim por este magnifico Portugal inteiro, se tem conseguido agitar-se o problema desde os contrafortes da Galiza até aos areais do Cabo de Santa Maria, o Algarve deve ao *Diario de Noticias*, sob este ponto de vista, inestimaveis beneficios.

Já para que assim fôsse, para que a nossa gratidão devesse ser profunda, bastava toda essa valiosa publicidade que elle tem feito das nossas belezas e o muito que tem pugnado pelos nossos legitimos interesses.

Vem agora esta louvável iniciativa de um ciclo de conferencias a que a tenacidade do dr. Alfredo de Carvalho está dando franca realização e que é, afinal, a maneira inteligente e habil de levar aos quatro cantos da provincia a palavra persuasiva dos mais confiantes e entusiastas.

Só num detalhe, aliás importante e decisivo, o *Diario de Noticias* andou errado. Foi em lembrar-se de mim para o inicio. Eu não estaria indicado para falar em qualquer parte que fôsse, quanto mais para inaugurar esta série de conferencias e sobretudo para vir fazer uso da palavra, nesta cidade de tam honrosas tradições de cultura.

Quis o Destino que assim fôsse. E do meu ouso em vir aqui, falar perante uma assistencia tam selecta, vós só tendes que responsabilizar o sr. dr. Alfredo de Carvalho — e elle encontra-se presente — condenando-me tam sómente por não ter lido a força de vontade sufficiente para resistir, e pelo contrário, ter-me deixado embalar





CÂMARA MUNICIPAL DE FARO  
BIBLIOTECA MUNICIPAL

rissonha esperança de poder ser indulgentemente, desculparieis aquelas deficiências que neste trabalho ides encontrar.

De resto, em vez de vos trazer novidades, venho, pelo contrario, focar pontos de vista que são meus e vossos, debater problemas que são de todos nós. Venho falar do Algarve a algarvios, amantes como poucos da provincia que lhes foi berço! E' já, portanto, meio caminho andado. Isto basta para meu consólo!...

\*  
\* \* \*

Praia da Rocha, Monchique, Sagres!... Três regiões distintas, uma beleza verdadeira!... A beleza incomparável deste Algarve maravilhoso, terra de sonho e lenda, adornado ao contar de poeticas histórias de moirinhas encantadas, terra onde o mar disputa ao ceu a primazia do melhor azul, onde o sol põe na paisagem estridencias alacres de colorido e o luar empresta toda a doçura de filigranados de prata fôca, terra sensual e mágica de luz vibrante, cujos campos, em pleno inverno, quando os pincares do norte mortanhoso e frio mal assomam seus reais contornos por entre um manto de imaculada alvura, se cobrem da neve mil vezes abençoada das amendoeiras em flor!

Praia da Rocha, trecho entertecido pelas mãos de fada de uma artistica rendeira!...

Monchique, paisagem-quadro-de-Mestre, tela safda da paleta prodigiosa de um grande pintor!...

Sagres, região feita estrofe, feita poema, feita epôpeia! Criação de protentoso genio poetico!... *Os Lusíadas* escritos por êsse supremo esteta que é o Mar!...

Quero falar-vos um pouco destas três regiões distintas, desta beleza verdadeira.

Quero dizer-vos algo deste admiravel triangulo do turismo, fonte inesgotavel de riquezas em qualquer outro país mais conscientemente aproveitado, jóia inestimavel, o brinquinho deste nosso Algarve esplendoroso e quente!...

Praia da Rocha, das decantadas falaises de ouro em brasa, cujo recorte dir-se-ia precioso trabalho de rendeira, ou saído do mágico cinzel de um qualquer artista imaginar e bruxo que em sonhos incomensuraveis se perdesse, em cujo mar o sol põe transparencias sensuais e se afoga pela tardinha numa inundação de purpura, Praia da Rocha das grutas enfeitadas de João de Arem, ninho



curar de uma vez para sempre a nossa inercia, de estimular as nossas energias!

*Sursum corda!*... Sagres!... Trecho da costa do Algarve encaestado na história de Portugal!... Pedra angular do ciclo das descobertas, o *cabo do mundo*, como lhe chamou Raul Brandão.

Foi ali, naquelas rochas abruptas, cortadas a pique sobre o azul vastissimo do mar, que se deu forma e realização ao genial arrojado das protentosas concepções de um Homem.

Aqueles alcantilados que o mar continuamente agride, escutaram um dia o ciciar dos receosos e dos timoratos, ocultaram o sorriso falso dos incrédulos, ouviram o grito alegre dos audazes e aventureiros e as palavras austeras dos confiantes, dos práticos, dos estudiosos!... E por entre todos eles, concentrado, persistente, alheio, o vulto épico do Infante, face talhada em marfim velho, corporização de heróis lendarios da antiga Grecia, severo e estoico, imponente e unico na sua propria severidade e no seu estoicismo, cortando as aguas com olhar inquieto, na ansia suprema de arrancar ao mar o misterio dos seus horisontes!

E aquelas rochas, que só pareciam servir de ninho para as aguias, embalaram o maior sonho, foram o berço da maior aspiração de um povo. E as naus partiram um dia, servia-lhes de rumo o olhar de um Homem, regressaram cheias de glória! Escreveu-se assim uma das mais formosas páginas da história da humanidade, traçou-se o prefacio das modernas civilizações.

Foi ali que se decifrou a maior incognita do mundo daquela época!... Quebrou-se o encantamento que criara as tenebrosas lendas do Mar Tenebroso!... Dissiparam-se as trevas que encobriam os horisontes, chegou-se ao convencimento pleno de que o mar não era infinito, de que atrás do mar havia terra, terras inexploradas de riqueza sem limites!...

Sagres, porém, cumprira o seu destino. Novas enseadas buscaram as naus inquietas, novo rumo tomaram as aspirações humanas! E este precioso trecho da costa do Algarve foi-se deixando olvidar aos poucos, sem ao menos merecer, lá não digo a veneração, mas o respeito daqueles que vierem a colher mais tarde os saborosos frutos de tam arriscada sementeira!

Em 1587, os ingleses, de mal com a Espanha, sob cujo jugo nos encontravamos então, não hesitaram em destruir a



notavel Vila do Infante. E' anos depois, séculos depois, o terramoto de 1755 completou a obra.

Nesse trágico Dia de Todos os Santos, de tam desoladora memoria para o Algarve, em que quasi não ficou pedra sobre pedra, ou capelinha branca entre montanhas ou sumptuosa cathedral, dir-se-ia que o mar ainda não esquecerá a afronta daqueles homens ousados que o tinham sabido dominar, que lhe haviam fixado os justos limites!... E aquelas ondas que, batendo em cachão nas escarpas, feitas espuma e humildade, como feras enclausuradas, se haviam habituado a vir beijar os pés do Infante, saltaram por sobre as rochas, atingiram colossais alturas!... Rezam as lendas que o mar se afastou três quilometros da terra para depois, mais enfurecido e mais forte, invadir essa mesma terra! A fera indómita preparava o salto, já não sentia o pulso forte do ousado domador.

E de então para cá, Sagres ficou sendo aquilo mais ou menos que ainda hoje é. Um trecho de costa excepcional e unico, um punhado de feitos notaveis perpetuamente assinalados por lápides que a natureza criou, uma mão cheia de recordações. E fonte perene de inspiração para os poetas. E' ver como elles a cantam, como a proposito de Sagres canta a costa do Algarve, por exemplo, Candido Guerreiro, o cinzelador prodigioso dos *Sonetos*, em cujas mãos anda, bem cuidado, o estro que foi de Antero e a cuja boa amizade eu devo o poder-vos ler neste momento um admiravel trecho do seu poema inédito *Promontorio Sacro*:

*Costa Algarvia! Portas manuelinas!  
Capelas imperfeitas da Batalha  
Erectas pelo mar continuamente!*

*Não ha colunas góticas mais finas,  
Não ha mais bela e preciosa talha,  
Bendito seja Deus e São Vicente!*

*Costa algarvia! Pelas enseadas  
Flamejam cactus e erguem-se mirantes...  
Com seus casais, alvissimos turbantes,  
Acenam para o mar as cumiadas...*

*E erguidos, contra a furia das nortadas,  
Monchique e São Miguel, os dois gigantes,  
Guardam ciosamente e vigilantes  
Este jardim de moiras encantadas...*



*De bronze e de sinople, à Rocha de Alte  
Recorta em campo azul — num ceu de esmalte —  
O heraldico perfil de capacete...*

*Nas açotéas ardem os gerânios,  
E o Algarve é todo um lindo minarete  
Sobre o mais belo dos Mediterrâneos...*

Pudesse eu ver ainda Sagres visitada e venerada por aqueles muitos que carecem das lições da história.

Aqui deveria vir o mundo de joelhos. Perto fica o ultimo adeus da Europa, lenço branco na curva do caminho, a derradeira terra do velho continente sobre o mar.

E se foi aqui que se traçou a rota, em que vieram a encontrar-se depois os novos mundos, aqui deveriam vir os filhos desses mesmos mundos, ver a terra de onde partiram outrora os heroicos precursores desses outros heroicos portugueses que souberam desfazer as lendas em que se encontravam envolvidos!

Terra abençoada, mais evocativo e mais nobre rincão da Europa!...

Pudesse eu ver-te ainda turisticamente consagrada, tu que sabes reunir em ti belezas incomparaveis, poderosas invocações de um passado notabilissimo!...

Pudesse eu ver ainda, e ver breve, a estalua do Infante levantada aqui, apontando aos navegantes o rumo que levaram outrora as nossas caravelas, o sulco formidavel que elas abriram para que os outros pudessem depois passar!...

Temos que trabalhar para que esse monumento venha a ser um facto. Não escutemos as palavras descrentes dos velhos de Restelo dos nossos dias, tal como as não escutaram outrora os nossos impávidos navegadores.

O vulto do Infante, erguido sobre estas rochas, emergindo da terra e assombrando o mar, gritará daqui aos esquecidos quanto o mundo deve a Portugal, será a mais proveitosa lição da sua história que o nosso país poderá neste momento fornecer-lhe!...

E essa lição é oportuna como nunca, visto que factos recentes têm demonstrado que dela já se esqueceram muitos daqueles que á História de Portugal ficaram aguilhoados pela vergonha das derrotas.

E a figura do Infante, ou serena, calma, meditativa, toda chama interior, vulcão latente cuja lava excederá os proprios limites do mundo, tal como o idealizaram Malhoa, Condeixa e Simões de Almeida, ou dando já heroica reali-



zação aos seus sonhos épicos, apontando aos homens destemidos da sua coorte o caminho que tinham a seguir, inculcando-lhes, num gesto que não admite hesitações, aquela fé, aquela pertinácia, aquela força de vontade herculea, que foram o mais valioso esteio da sua vida e do seu destino. Sentado, de pé, como quiserem. Em qualquer dos casos, giganteo, enorme, colossal! Impondo respeito aos que ali passam, falando-lhes desta terra abençoada, arauto do nome heroico de Portugal!...

— Foi daqui, foi daqui que se rasgaram as trevas ao mundo de hoje!...

— Para que vós pudesseis disfrutar agora a civilização que disfrutais, foi necessario que Portugal existisse e que eu sacrificasse tudo! A minha mocidade, a minha familia, esse irmão bondoso e santo que deixei em Fez!...

Ideia linda a do sr. ministro da Instrução cessante. Ela calou fundo na nossa alma de algarvios e de meridionais. E trabalhemos para dar-lhe franca realização. Acalentemos a esperança de que o sr. ministro da Instrução de agora, dr. Duarte Pacheco, interessante figura de algarvio, terá vibrado como nós vibrámos ante a patriótica ideia do sr. dr. Alfredo de Magalhães e não deixará de patrocinar essa grande causa.

E façamo-nos nós lembrados, estou certo que é quanto basta.

As poderosas evocações historicas de Sagres não encontram rival em toda a península, não o encontram na Europa, como não o encontram em todo o mundo!... O convento de La Rábida e o porto de Palos, ambos aqui perto de nós, ambos ligados ao descobrimento da America e de que a nossa vizinha Espanha tanto se ufana, se são o que mais se lhe aproxima, são provenientes da natural sequencia do movimento iniciado em Sagres, estão-lhe, por isso, muito áquem nessas mesmas invocações e são-lhe imensamente inferiores em belezas naturais, em grandiosidade panorámica!...

E se Sagres não encontra rival em todo o mundo, Sagres está naturalmente indicada para ser muito breve um frequentada região de turismo, ponto de referencia indispensavel em todos os *Baedekers* e já agora o grande cartaz do Algarve, o cartaz gritante e colorido, que reúne todas as qualidades para meter pelos olhos do estrangeiro a certeza de que a nossa provincia existe, não é uma bizarra criação de poetas e tem muito de belo para ver-se!...



E para que se chegue a Sagres ha que atravessar esta terra hospitaleira e louçã, que já foi capital deste Algarve maravilhoso, que tem sido teatro de notabilissimas façanhas, cuja origem se perde lendariamente e em que cada momento — e muitos êles são — é tambem uma preciosa invocação da história!

Eu queria, minhas senhoras e meus senhores, falar-vos um pouco de Lagos, do seu passado e do seu presente, das suas rochas de caprichoso rendilhado, das suas formosas praias, dos seus inegualaveis panoramas, desta cidade engrinaldada de *falaises* que rivalizam com as da Rocha, debruçando-se e revendo-se nesta encantadora baía, cujos inenarraveis misterios mé foram hoje revelados, em cujas aguas já se espelharam as mais poderosas esquadras e se quedaram inquietas ao ver partir nessa torva madrugada de 1578, a frota que levou D. Sebastião ao desastre de Alcacer-Quibir.

Mas que poderia eu dizer-vos neste momento que vós não conhecesseis tam bem ou melhor do que eu?...

E dos vossos illustres conterranos, grandes pelo seu saber, pelos seus feitos e pelas suas virtudes; escritores como Baptista Lopes, a quem devemos o mais completo que se tem publicado sobre o Algarve, como o medico e poligrafo Lima Leitão, Almeida Araujo, o cronista Lourenço de Caceres, João Bonança, ainda dos nossos dias, como dos nossos dias e filho de Lagos é Júlio Dantas — esta citação é para vós, gentilissimas senhoras — notaveis pelo seu valor militar como Soeiro da Costa, Belchior e Simão Moreira, barão do Monte Pedral, general Lobo de Avila e outros; navegadores como Lançarote de Freitas, Alvaro Esteves, Vicente Dias, Vicente Pereira Sarmento, Vicente Rodrigues de Lagos — esta valiosa lista de Vicentes e de navegadores poderia ser inferminavel — e sobre todos Gil Eannes, a quem eu gostaria de ver ainda levantar um monumento em qualquer praça desta cidade; coloniais como o general Machado, falecido ainda ha pouco; prégadores como Frei José Manuel da Conceição; homens de sciencia como José Francisco Valorado, botanico notabilissimo, discipulo dilecto de Brotero, como o geografo Soromenho; que poderia eu dizer dos filhos illustres desta linda terra que foi berço de São Gonçalo, o unico santo nesta admiravel provincia de pecadores, desse grande bispo que foi D. Gaspar Leão e dessa curiosissima figura de prelado que foi o cardeal Neto, coração sempre aberto aos grandes principios cristãos, derradeira encarnação da bondade franciscana e a cujos restos mortais nós vimos duas nações prestar ainda ha pouco, o mais fervoroso culto!...



Que poderia eu mesmo dizer de Lagos sob o ponto de vista de turismo que já não tivesse sido dito aqui pela palavra inspirada e culta de José Dias Sancho e que pudesse oferecer, portanto, novidade para vós, meus senhores e senhoras minhas?

\*  
\*   \*  
\*

Este admirável triangulo de turismo, Praia da Rocha, Monchique, Sagres, como já hoje afirmei aqui e dezenas de vezes tenho escrito, constituiria uma inesgotável fonte de receitas em qualquer outro país em que se encontrasse.

Em Portugal, triste é dizê-lo, não acontece assim. E se podemos rejubilar pela agitação que os problemas regionalistas ultimamente veem sofrendo, se podemos acalantar a esperança de que este estado de coisas cesse breve, o que é certo é que toda a agitação é pouca para acordarmos de vez do condenável marasmo em que se tem vivido até aqui, e ha muito que lutar para que aquela esperança se converta numa valiosa realidade.

Para isto, ha que aproveitar a ocasião, que é excepcional e unica.

Portugal vai ter muito brevemente a melhor oportunidade para se dar a conhecer ao mundo como uma esplendida região de turismo!... E' um bom vento que nos vem de Espanha!...

A Exposição Ibero-Americana de Sevilha, atraindo á nação vizinha e á península, milhares e milhares de estrangeiros, vem dar ao nosso país essa oportunidade a que me refiro, que é preciso não deixar fugir, que é preciso aproveitar a todo o transe. E se Portugal inteiro terá muito a beneficiar com o certamen da cidade de São Fernando e deverá convenientemente aproveitá-lo como um excelente meio de propaganda das suas belezas, este nosso abençoado reino de maravilhas, paredes de meias da região que será dentro de poucos meses o fulcro da maior actividade turistica dos ultimos tempos, mais do que nenhuma outra provincia, deverá receber primordiais efeitos daquele acontecimento notável!...

E' absolutamente necessario que os algarvios, cuja amor á sua provincia é campo fértil em que todas as sementes frutificam, é necessario que o Algarve, onde todos os gritos sinceros encontram desvelado eco, veja a grandeza do problema.

Ha a necessidade absoluta de lutar, de fazer regiona-



lismo como nunca, de falar entusiasticamente das belezas incomparáveis do nosso Algarve, de apregoar as excelências do seu clima sem rival, despertando as atenções dos poderes públicos para aqueles problemas cuja solução lhes pertence, fazendo nós, pelas nossas mãos, aquilo que só por nós pode ser feito.

E no Algarve, minhas senhoras e meus senhores, está quasi tudo ainda por fazer. Não vos trago com esta afirmação uma novidade, antes a dolorosa confirmação de uma realidade palpável. Se excluirmos a reparação das estradas, inestimável benefício que o Algarve fica devendo aos governos da presente situação, é o facto de nos encontrarmos já servidos por razoáveis ligações ferro-viarias, tudo o mais se encontra ainda no campo problemático das hipóteses.

E é assim que nós vemos a nossa mais afamada Praia, que poderia muito bem rivalizar com os melhores centros turísticos do mundo, desprovida de um hotel decente, esquecida, lamentavelmente esquecida daqueles que tinham a obrigação estrita de cuidar a sério do seu desenvolvimento, na certeza de que encontrariam ali a melhor fonte de receita, e tirariam copiosos lucros do capital que dispendessem.

Nós vemos, desprovida também do hotel a que tem direito, esta preciosa Ponta de Sagres, a cujas belezas e a cujo valor evocativo já detalhadamente me referi.

Nós vemos, vemos dolorosamente, mas nem por isso procuramos encontrar remédio, a nossa quasi única estância balnear — e digo quasi única porque, encontrando-se em equação os valores regionais, não quero esquecer as termas de Tavira — trecho esplendido de paisagem ao mesmo tempo, privada também de hotéis capazes, privada de quasi tudo, afinal, desprovida das mais elementares comodidades para o fim a que se destina!... Tudo ali é mesquinho, é primitivo, é reles!... Desde as tintas de azulejo, em cujas arestas não é raro a gente ferir-se, até aos admiráveis trechos de prosa e verso que enxameam as paredes do balneario, vicio tam português e tam condenavel, digno de figurar em qualquer antologia do mau gosto!... Estioladas, as Caldas de Monchique exibem ainda hoje aqueles melhoramentos com que as dotou há mais de um século D. Francisco Gomes do Avelar, que eu já apelidei um dia o Pombal algarvio, a quem o Algarve deve um monumento numa praça publica de Faro, e que já naquela época reputava mesquinho o estabelecimento termal e se propunha transformá-lo, o que a morte não permitiu.

Um bom hotel em Monchique transformaria aquela vila



numa procurada estação de repouso, ali, nas faldas da Foia, de cujo cimo diz Julio Lourenço Pinto no seu *Algarve, notas impressionistas* — já em 1894 se falava de impressionismo — que se disfruta o mais belo panorama de Portugal, que não sei quem por sua vez afirma ser o mais vasto do mundo; como as Caldas poderiam tornar-se, sem grande dificuldade, uma afamada estação de cura.

E hotéis faltam igualmente aqui, faltam em Faro, sendo de resto o problema dos hotéis aquele que se me afigura como carecendo de mais imediata solução. Se excluirmos Vila Real de Santo Antonio, já hoje dotada de um magnifico estabelecimento do genero que honra a nossa provincia e honra o seu proprietario e o seu gerente, nós não encontramos no Algarve mais do que miseraveis pardieiros que nos envergonham.

Ah! minhas senhoras e meus senhores! Eu não queria recordar neste momento a vergonha porque passei ha tempos, ao entrar pela manhã num quarto em que no mais réclamado hotel que ao tempo existia no Algarve passara a noite um amigo meu muito querido, que é já hoje um dos mais consagrados escritores da moderna geração. Nessa manhã eu fui encontrá-lo pálido, escaveirado, abatido, sonolento e sobretudo indignado. Não conseguira deitar-se, perdera a noite em infindaveis caçadas, linha desistido de dormir! E era aquele o Algarve hospitaleiro, generoso e belo de que eu entusiasticamente lhe falára na capital?!... E, entristecido, confessou-me que, tendo vivido no Brasil, tendo passado grande parte da sua mocidade nas florestas do Amazonas, nunca encontrara coisa pior!

E para resolver o problema não era necessario construir *Palaces*, não carecíamos de transformar em monumentais os hotéis que já hoje existem. Bastava, quere-me parecer, que a par das facilidades que tenho visto reclamar, e que é de toda a justiça conceder, se condicionasse devidamente o exercicio da industria hoteleira em Portugal. Neste sentido tenho pugnado. Neste sentido apresentei á Comissão Executiva de Turismo do Algarve, de que tenho a honra de fazer parte, uma proposta em que, depois de varios considerandos, se solicita dos poderes publicos:

I — A elaboração ou actualização de medidas que condicionem o exercicio da industria hoteleira em todo o país, fixando-se as condições minimas de conforto e de hygiene em que os hotéis poderão funcionar, estabelecendo-se um praso para os que já existem efectuarem as necessarias obras, impedindo-se a construção e abertura daqueles que as não apresentem e estabelecendo pesadas sanções, que



poderão ir até ao encerramento nas terras em que haja mais de um hotel e expropriação por utilidade pública nas outras, áqueles que desobedeçam.

II — Criação de um organismo semelhante ás circunscrições industriais ou entrega a estas, da fiscalização permanente do exercicio da industria dos hotéis.

III — Grande diminuição das contribuições que actualmente oneram a industria hoteleira ou isenção pura e simples dessas mesmas contribuições durante alguns anos a facilidade da aquisição de capitais a juros módicos, com hipoteca dos estabelecimentos ou consignação de parte das receitas em sua garantia, para que assim os proprietarios dos hotéis possam fazer face aos melhoramentos que lhe serão exigidos.

Creio que com estas medidas que preconizo se resolveria em grande parte o momentoso problema. Não sei, nem quero saber, se já existem leis e regulamentos nesse sentido, pois se existem são letra morta e é como se não existissem. E isto inteiramente desnecessario seria se houvesse um pouco mais de cuidado e de limpeza, e sobretudo, a compreensão nitida por parte dos hoteleiros, de que para os hotéis não vão sómente aquelas pessoas que pelas condições da sua vida os não podem dispensar, e essas já seriam dignas de todo o respeito, mas também aquelas outras que, viajando por prazer, fugirão horrorizadas da região que lhes forneça para albergue essas verdadeiras enxovias.

Bastava quasi sómente modificar os hotéis que estão. E se quisessem construir outros, bastavam-nos pequenas casas nesse gracioso estilo a que se convencionou chamar português, se é que não conseguissemos criar outro que fôsse estruturalmente regional.

Sei que vou nisto ao encontro de uma valiosa iniciativa da bem orientada Comissão de Iniciativa dos concelhos de Lagos, Aljezur e Vila do Bispo, com séde nesta cidade, que com o brilhantismo que lhe é peculiar a pôs em relevo perante a Comissão Official de Lisboa, perante essa comissão a quem as ironias do destino deram para domicilio a travessa da Espera, e que parece por isso estar sempre á espera de melhor oportunidade para agir, perdoem-me Vosselencias a irreverencial... Lá se encontra também, e á espera, a minha já referida proposta sobre hotéis!

E' com sincera alegria — devo dizê-lo — que eu me encontro mais uma vez de acôrdo com a benemerita Comissão de Iniciativa, a quem aproveito a oportunidade para apresentar as minhas saudações, o publico testemunho da minha admiração e do meu apreço. De resto, sempre ao



encontram de acôrdo aqueles que, norteados por principios rigidos, procuram servir o mesmo ideal!... E nesta ingloria tarefa que nos impusemos de pugnar pelo desenvolvimento turistico do nosso Algarve, eu, algarvio que amo entranhadamente a minha terra, estou quasi sempre de acôrdo com aqueles que procuram servi-la, que lhe consagram um amor semelhante ao meu. E quando não estou — acreditem vosse-lencias — apresento a minha opinião, e se vejo que não colhe adeptos, a mim proprio me convenco que estou em erro e... ponho-me. Poderia citar casos em que isto se tem dado, mas não vale a pena. E' que só assim, pondo acima de vaidades mesquinhas os legitimos interesses do ideal que servimos, se consegue fazer alguma coisa.

E no Algarve, como já disse, ha muito ainda por fazer!...

Urge encontrar solução para o decantado problema dos hotéis, a que já me referi. E as camaras que estudem o assunto, pois me parece que serão elas as entidades indicadas para resolvê-lo, fazendo construir os edificios e entregando-os depois á exploração particular ou dando facilidades para a sua construção.

Ha que criar empresas de transporte, com *auto-cars* cómodos e de certo luxo, para que em horario combinado com o dos comboios levem o turista, rapidamente, áqueles sitios onde não chegam as linhas ferreas e que são, afinal, os mais valiosos recantos da nossa provincia.

Ha que cuidar a serio na aquisição de um *ferry-boat* para o Guadiana, se é que não pode pensar-se por agora numa ponte internacional!... Para essa aquisição entendo eu que todo o Algarve deveria concorrer. Não se trata do interesse de Vila Real, mas do interesse da provincia inteira!... Simplificada a travessia do rio que nos serve de fronteira, o Algarve tinha o legitimo direito de ser sem contestação nem duvida, não só o mais rápido e mais formoso trajecto entre Lisboa e Sevilha — só isto dava assunto para uma conferencia — como tambem que as suas praias e as suas termas ficassem sendo, pelos tempos fora, as praias e as termas do sul da Espanha!

Ha ainda que enfrentar o problema da publicidade, promovendo-a no nosso país e no estrangeiro, fazendo sem demora imprimir cartazes modernos, irritantes, coloridos.

Nesta ordem de ideias, vai a Comissão Executiva de Turismo, por proposta minha, editar muito brevemente um selo de propaganda do Algarve. E simultaneamente, ha que publicar roteiros e guias em que seja, por assim dizer, catalogado tudo quanto na nossa provincia existe digno de ser visto, localizando ao mesmo tempo as lendas, essas



preciosas lendas deste nosso precioso Algarve, inventariando os factos históricos, assinalados depois nos respectivos locais por lápides artisticas — e tantas que haveria a pôr em Lagos e em Sagres — lendas essas e factos esses bem mais valiosos do que muitos daqueles que habilmente explorados lá por fora levam o turista a percorrer dezenas de quilómetros, a embasbacar diante de uma parede, por exemplo, e a regressar satisfeitiíssimo por se ter sentido herói no local onde, possivelmente, certo dia, Napoleão teve uns momentos de fraqueza!

E assim, devemos aplaudir incondicionalmente o gesto notável da Câmara Municipal de Silves, fazendo colocar uma lapide recordativa do rei-poeta Al-Motamid e desejar com veemência que o exemplo frutifique.

O turismo, sabem-no Vosselencias muito bem, é feito de pequenas coisas. O turista uma criança grande. Vai para onde o sabem levar, acredita ingenuamente nos mais fantásticos contos da Carochinha, referidos quasi sempre numa lingua que mal conhece!... Só procura distrair-se, encontrar nuances e aspectos novos, sem incómodo de maior. E que lhe não falte a cama fôfa e asseada, o banho e a papa a horas certas!... De resto, nós não temos necessidade de fornecer-lhe no Algarve gato por lebre, como muitas vezes se faz lá fora. Se basta a nossa paisagem, o nosso mar e o nosso ceu, o nosso clima e a riqueza cromática da nossa costa para trazê-lo cá, forneçamos-lhe depois, devidamente condimentado, o muito de valioso e belo que a nossa provincia ainda encerra!

Tudo isto que indiquei e que no Algarve falta, ha a necessidade absoluta de fazer agora, necessidade imperiosa de fazer já. São os problemas que eu reputo iniciais para o desenvolvimento turístico do Algarve, para que na nossa provincia se possa falar de turismo como de uma coisa certa.

O momento é, como disse, oportuno, a ocasião não voltará tam cedo. Se soubermos aproveitá-la, a nossa provincia terá encontrado uma nova razão de ser, terá criado uma nova e valiosa industria, cuja materia prima, cada vez mais valorizada, perdurará pelos tempos fôra e não terá, como a sardinha, o perigo de desaparecer, nem o perigo de que no-la fôrtem.

O problema do turismo no Algarve não é, apesar de tudo, um problema enfeudado á Exposição de Sevilha!... Nada de feudos á Espanha!... Ha que aproveitar esta feliz oportunidade e nada mais!... Ha que aproveitar a ocasião para atrair á nossa provincia pelo menos algumas dezenas dessas centenas de milhares de turistas que se espera visi-



tem em breve a formosa cidade do Guadalquivir e fazer deles os mais espontâneos propagandistas das belezas do nosso Algarve. Para isso, ha que arranjar a casa, pôr réposteiros novos, dar brilho ás pratas e convidá-los a entrar. Ha que propagandear em Espanha as nossas belezas, que gritá-las aos quatro canto do mundo. E considerando que será o porto de Lisboa o preferido para desembarque dos que da America demandem Sevilha, que terão certamente curiosidade de conhecer mais um país, tenha-lhes chegado lá fora a fama do que temos bom ou a fama das nossas até ha pouco periodicas revoluções — eu já vou perdendo a esperança delas se virem a fazer por encomenda da Cook para atractivo turistico — ha que apregoar em Lisboa, á chegada dos paquetes, as belezas do nosso Algarve!...

Depois, saber conduzir o turista por aqui, saber fazer-lhe as honras da casa, guiá-lo convenientemente. Interessa-nos sobremaneira que se apeie em Saboia, venha pela formosa estrada desta povoação até Monchique, suba á Foia e á Picota, desça ao Barranco dos Pisões, atravesse as Caldas, se deleite nos seus verdejantes arvoredos, prove a excellencia das suas aguas no balneario, visto que são os hotéis das Caldas os unicos — note-se bem — que não carecem de casas de banho. Visite Lagos, os seus monumentos, as suas formosas praias, se sinta subjugado pela poderosa invocação e pelo panorama que pode oferecer-lhe Sagres e que se compenetre que dali safu o maior impulso dado á civilização que hoje disfruta!... Depois, percorra a Rocha e as lindas praias que se lhe seguem, aprecie o seu clima sem rival, reconheça que se encontra na presença de uma das mais formosas praias do mundo!... Suba de Portimão pelo Arade até á histórica Silves, admire as belezas de Alte, com as suas quedas de agua e as suas grutas, que me dizem ser dos mais pitorescos trechos do Algarve, Loulé, com os seus formosos arredores, as suas chaminés de rendilhado caprichoso. Venha a seguir visitar Faro, os museus que terão nessa altura uma instalação mais condigna, as exposições de arte e de produtos regionais que é de esperar estejam abertas, disfrute o deslumbrante panorama de Santo Antonio do Alto, faça os percursos á roda da cidade, Ossonoba, Estoi, São Brás, Corotelo, Santa Barbara, e veja nesses percursos a interessante e valiosa Igreja de São Lourenço de Almancil. Depois Olhão, essa admiravel *vila cubista*, onde o progresso não é uma palavra vã, os monumentos de arquitetura religiosa da pitoresca Tavira, Castro Marim e o seu castelo, por ultimo Vila Real, uma saltada a Monte Gordo, um pequeno descanso no hotel — os primeiros serão os ultimos — e



saudades do Algarve, projectos de cá voltar com mais demora, ao atravessar o Guadiana, ao entrar em terras de Sua Majestade Afonso XIII!...

Se esta relativa facilidade de revelação é um inestimável benefício que o Algarve ficará devendo á Exposição de Sevilha, superior ainda é esse outro de ter feito agitar novamente ideias á volta do desenvolvimento da nossa provincia, de ter feito revivescer os nossos entusiasmos regionais, de ter feito voltar a falar-se de regionalismo, nesta terra admirável que em todas as manifestações de tal caracter costumava levar a palma ao país inteiro!...

Aproveitemos já agora este entusiasmo para levar a efeito o nosso II Congresso Regional, esse segundo congresso que nós devemos como preito á memoria do grande algarvio que foi Tomás Cabreira, a alma do primeiro congresso da nossa provincia, que foi tambem o primeiro congresso do genero que no país se realizou. Tenho a satisfação e o orgulho de ter lançado a ideia da sua realização neste momento. Perdoem-me, portanto, vosse-lencias que eu fale dele com carinho e com interesse.

Acusam-se os congressos regionais de produzir pouco. Afirma-se que else para pouco mais tem servido do que para meia duzia de afirmações balofas e de delicioso pretexto para copiosas jantaras!... Mas é que a obra que saía dos congressos regionais tinha que sujeitar-se ao doloroso beneplacito desses outros congressos constituídos pela grande ironia em que aos poucos se transformou uma das mais elevadas concepções dos homens.

Hoje, a obra dos congressos regionais vai directamente á mão do governo, dum governo que para a pôr em pratica só terá que atender á justiça que assiste aos reclamantes, ao beneficio que dela poderá resultar. E cá ficam na provincia aqueles que os souberam levar a efeito e de quem depende garantir-lhes esse espirito de continuidade, que é quasi sempre a sua maior falta!..

De resto, se os congressos regionais não produzissem obra útil, eles não estariam continuamente a realizar-se por este Portugal inteiro. Ainda ha dias se encerrou, no meio do maior entusiasmo e depois de obra notabilissima, o III Congresso das Beiras. Já se anuncia o do Minho, é necessario que o do Algarve se lhe sigal...

Num congresso se debaterão os mais flagrantes problemas que assoberbam a provincia. Muitos encontrarão nele a almejada solução. Mas mesmo que, assim não fôsse! Dum congresso resulta sempre uma parada de forças



regionais, uma mobilização de actividades, uma afirmação de vitalidade que é necessária e é profícua.

Saibamos levar a efeito o nosso II Congresso Regional com o entusiasmo que os algarvios põem sempre ao serviço da sua provincial!

E saibamos ser oportunistas!... Aproveitemos esta ocasião excepcional para transformar o nosso Algarve, para aproveitar convenientemente os dons que a Natureza lhe prodigalizou, para colocá-lo de uma vez para sempre no lugar que lhe compete.

Temos, sobretudo, minhas senhoras e meus senhores, o dever sagrado de impedir que este nosso formoso Algarve, que vive embalado pelas ondas, venha novamente a adormecer!... Há a necessidade de pugnar por êle, pelo seu desenvolvimento, pelo seu futuro!

Eu quero terminar as minhas palavras por um apêlo vibrante á mocidade de Lagos, apêlo que gostaria de poder tornar extensivo a toda a mocidade do meu país!

Queria-lhes pedir que façamos do nosso século um século de reconstrução e de fé, que façamos da nossa geração uma geração de crentes e de trabalhadores!

Construamos com o nosso esforço uma barreira formidável ás ideias derrotistas que nos ficaram desse seculo demolidor, iconoclasta e barbaro que foi o século XIX. Dele herdámos nós pouco mais que as atitudes dubias, os sorrisos falsos de pretensa superioridade e de desdem!... Dele herdámos esta descrença que nos asfixia!... E toda essa triste herança temos nós energicamente que repudiá-la!

São ainda hoje os sorrisos de ironia que amesquinham e fazem perder as mais nobres e alevantadas iniciativas.

Que em seu lugar apareçam os sorrisos francos, abertos, saudáveis e confiantes.

Que em nosso coração renasça a fé, a confiança nas nossas energias, a certeza do nosso triunfo e de um futuro melhor.

E trabalhemos por Portugal. Sejamos patriotas antes de mais nada, regionalistas afinal de contas.

Trabalhemos tenazmente pelo progresso dêste admiravel cantinho que Deus nos deu, nosso berço e nosso enlevo, por este Algarve esplendoroso e quente!

Resta-me agradecer-vos, excelentissimo senhor Governador Civil (1), a grande honra que me concedestes presi-

---

(1) Era ao tempo o sr. major Alexandre de Paiva Faria de Leite Brandão, a cuja boa vontade de pugnar pelo desenvolvimento turistico da provincia ha que prestar homenagem.



dindo a esta sessão de propaganda regional, de propaganda d'este Algarve de que infelizmente não sois filho, o que seria para nós justo motivo de orgulho, mas, a quem vos encontráis ligado por impereciveis laços de coração e a cujos legítimos interesses vindes consagrando com entusiasmo e brilhantismo as vossas notabilísimas faculdades de trabalho e intelligencia.

A' excellentíssima Camara desta cidade, cuja obra em prol dela vós melhor do que eu podeis apreciar e verificar que tem sido notavel, o publico testemunho do meu sincero agradecimento pelas gentilezas de que me tem feito alvo e pelo alto patrocínio que se dignou dispensar a esta conferencia, gentilezas essas e patrocínio esse que profundamente me penhoram.

Aos oradores que me precederam, o meu reconhecimento pelas palavras amáveis com que quiseram honrar este apagado pioneiro do desenvolvimento turistico do Algarve, de todos os principios regionalistas.

E a vós, gentilísimas senhoras e meus senhores, os meus sinceros agradecimentos pela carinhosa boa vontade com que me escutasteis e as minhas desculpas mais rendidas por ter ludido a vossa espectativa, essa espectativa benévola que vos trouxe aqui, não por mim, eu sei-o bem, mas por este Algarve maravilhoso, terra admiravel em que nascemos e para a qual é justo dever de todos nós pugnar por melhores dias...

Tenho dito.

Faro, 17 de Maio de 1928.